

Lisboa 1986

Departamento de Arqueologia / Serviços Regionais de Arqueologia

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA

03

I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

(Setúbal 1985)



I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

Setúbal - 24 a 26 de Maio de 1985

Organização: Museu de Arqueologia
e Etnografia de Setúbal

Capa: Isabel Lage

Design Gráfico e Montagem: Joaquim A.C. Franco

Composição Dactilográfica: João Lourenço

Revisão: Carlos T. Silva
e Joaquina Soares

Gravuras da Capa e Contra-capas: Estatueta em osso proveniente
de escavações na Travessa de
Frei Gaspar - Setúbal
(Escala 1:1, frente e verso,
desenho de Jorge Costa)

Fotolitos: Luis Pascoal
e António Ventura

Intervenção Arqueológica na Vila do Torrão:

Ocupação Calcolítica

Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares

1. O ponto mais elevado da vila do Torrão situa-se na extremidade NO da povoação e é conhecido pelo nome de Castelos (1) (figs. 1 a 3). Aí se localiza o depósito de água e a igreja matriz que contém elementos arquitectónicos manuelinos. Embora o casario mascare a morfologia primitiva do local, facilmente nos apercebemos de que se trata de uma colina que se salienta na paisagem (cota de 130m) e cuja encosta NO se prolonga por um esporão da margem esquerda do Xarrama, vencendo um desnível de cerca de 90m. A urbanização da sua encosta NO levou o Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal a proceder a uma prospecção que permitiu recolher, à superfície do terreno, cerâmicas de tipologia calcolítica. Pela sua inserção no casco histórico de uma povoação rural e em uma importante mancha de povoamento calcolítico (2) objecto de projecto de investigação mais vasto, decidiu-se, numa primeira fase, proceder à reali-

zação de uma sondagem arqueológica (3) que permitisse avaliar do interesse científico e cultural do arqueosítio, já que estavam reunidas todas as condições para que futuramente se viesse a concretizar, nesta jazida, um programa de arqueologia urbana ao serviço do desenvolvimento cultural da comunidade.



Fig. 1 - Localização do Torrão
na Península Ibérica



2. A parte superior e a encosta NO da colina dos Castelos foi dividida em quadrados (Qs.) de 2m de lado, designados por uma letra maiúscula (de NO para SE) e um número árabe (de S0 para NE). A sondagem, com 4x6m, foi aberta a 6,2m para Oeste do depósito de água. Ocupa os Qs. J24, J25, K24, K25, L24 e L25. Estabeleceu-se um ponto de cota convencional com o valor de 0,0m no rebordo do roda-pé da base do depósito de água. Assim, trabalhou-se sempre com cotas negativas.

3. Removida a camada superficial (S), formada por entulhos recentes, com a espessura máxima de cerca de 0,70m (**fig.4**), surgiram, no Q. L24, os restos de um nível (C.1), de derrube, constituído por abundantes fragmentos

de argamassa de cal e areia; oferece a espessura máxima de 0,25m. No Q. L24 a C.1 assenta directamente sobre um pavimento (C.2), conservado apenas nesse quadrado, de tijoleiras rectangulares (0,29x0,14x0,05m). Um pavimento do mesmo tipo, e sensivelmente à mesma cota do anteriormente referido, foi posto a descoberto nos Qs. J-L25. Ambos os pavimentos estão em conexão com dois muros, perpendiculares entre si, construídos com blocos de pedra, mal aparelhados, e fragmentos de tijoleiras ligados por abundante argamassa de cal e areia; têm de largura cerca de 0,70m e orientam-se segundo as direcções aproximadamente ONO-ESE e NNE-SSO. Estes muros dividem a área escavada em três compartimentos de limites indeterminados, dois deles, como dissemos, pavimentados por tijoleira.

O pavimento de tijoleira (C.2) do Q. L25 foi construído sobre um enchimento pouco espesso (ca. 0,05m) de terra castanha escura, pouco compacta.

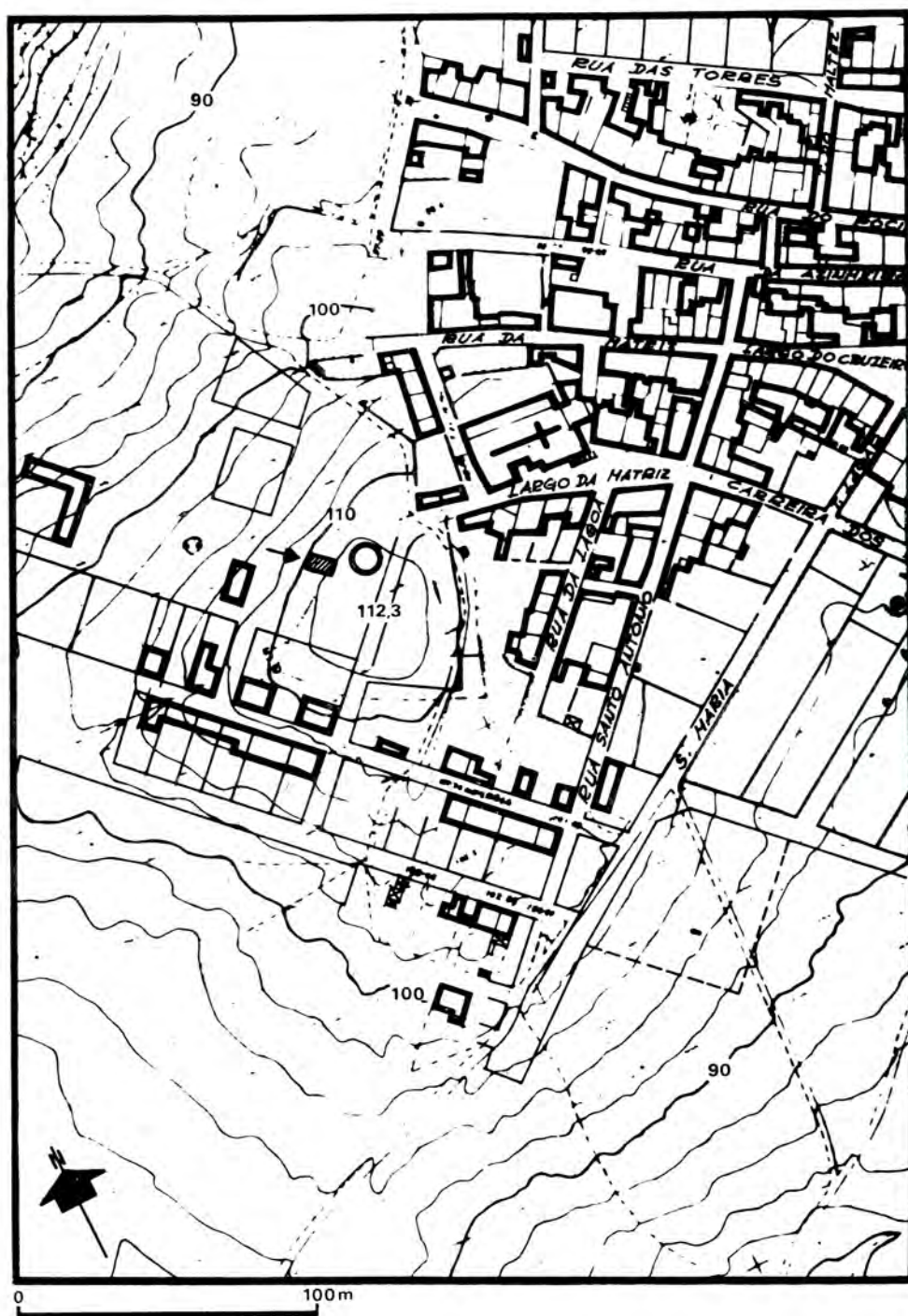


Fig. 3
Localização da sondagem
arqueológica (assinalada
por uma seta) aberta no
sítio dos Castelos, zona
de cota mais elevada da
vila do Torrão.

com fragmentos de telhas curvas e alguns fragmentos de cerâmica calcolítica (C.3).

Segue-se um nível (C.4) rico em fragmentos de argamassa de cal e areia, de limites muito regulares e com a espessura máxima de ca. 0,10m, que assenta sobre um nível argiloso com 0,02-0,05m de espessura (C.5).

O nível seguinte (C.6) parece corresponder a um piso consolidado por argamassa de cal e areia (esp. ca. 0,02-0,05m). Cobre um nível de ocupação

(C.7), com 0,03-0,05m de espessura, de areia argilosa castanha escura, com fragmentos de carvão, ossos e pequenos fragmentos de cerâmica de uso comum de que se destaca uma de engobe vermelho polido ou espatulado corrente em contextos do séc. XVI. Assenta sobre um piso de barro cozido (C.8) incompletamente escavado e, tal como a C.7, somente detectado nos Qs. L24 e L25.

No Q. J24 e na metade NO do Q. K24, onde as Cs. 7 e 8 não têm expressão, a C. 6 assenta directamente sobre

um espesso nível (0,30m) argiloso (C.9), negro, rico em cerâmica exclusivamente pré-histórica, de um modo geral de tipologia calcolítica (pratos de bordo espessado, taças em calote, esféricos, "potes", crescentes de secção circular); surgiram elementos que apontam para uma provável ocupação do Bronze final, como alguns fragmentos de cerâmica pertencentes a formas carenadas e um fragmento de talão de machado de cobre ou bronze, de bordos salientes.

A C.10, com a espessura de 0,75 a 0,90m, é sedimentologicamente muito semelhante à C.9 (argilosa e negra) e distingue-se desta, fundamentalmente, por possuir abundantes e grandes fragmentos de argila cozida de revestimento, com negativos de ramagens, em geral, não rolados.

A C.11, com a espessura de 0,70m, argilosa e de cor castanha escura, apresenta limites regulares e sub-horizontais; forneceu abundante cerâmica calcolítica; assenta sobre um nível (C.12) mais arenoso e rico em calhaus subrolados que, como o anterior, continha numerosos fragmentos de cerâmica, em geral não rolados. A C.12, correspondente ao início da ocupação calcolítica, formou-se sobre um terraço do Xarrama, com abundantes calhaus de quartzo subrolados, embalados por areia argilosa castanho-amarelada (C.13).

Dos materiais recolhidos nesta sequência estratigráfica importa, por ora, referir somente os relativos às ocupações calcolítica e da Idade do Bronze.

4. A utensilagem lítica (13 peças) apresenta uma baixa frequência (3,2%) em relação à produção cerâmica (número mínimo possível de recipientes das Cs. 12, 11 e 10), facto aliás já observado em outras jazidas calcolíticas do Baixo Alentejo (4).

Verifica-se também que a indústria em pedra lascada (6 exs.) é ligeiramente inferior à executada pela técnica do polimento e picotagem (7 exs.).

Dos 6 objectos em pedra lascada (2 exs. provenientes da C.12 e 4 exs. da C.10), 3 são em quartzo leitoso (lascas não retocadas) e 3 de sílex

cinzento médio (lamela não retocada), cinzento muito claro (lâmina estreita retocada) e cinzento-acastanhado (burril múltiplo). O artefacto mais elaborado, encontrado na C.10, é uma lâmina estreita (fragmento distal) com o bordo direito abatido por pequenos retoques directos; o bordo esquerdo e a extremidade distal apresentam retoque oblíquo e irregular, alternado e directo, respectivamente, provocado certamente pela utilização da peça; secção transversal trapezoidal.

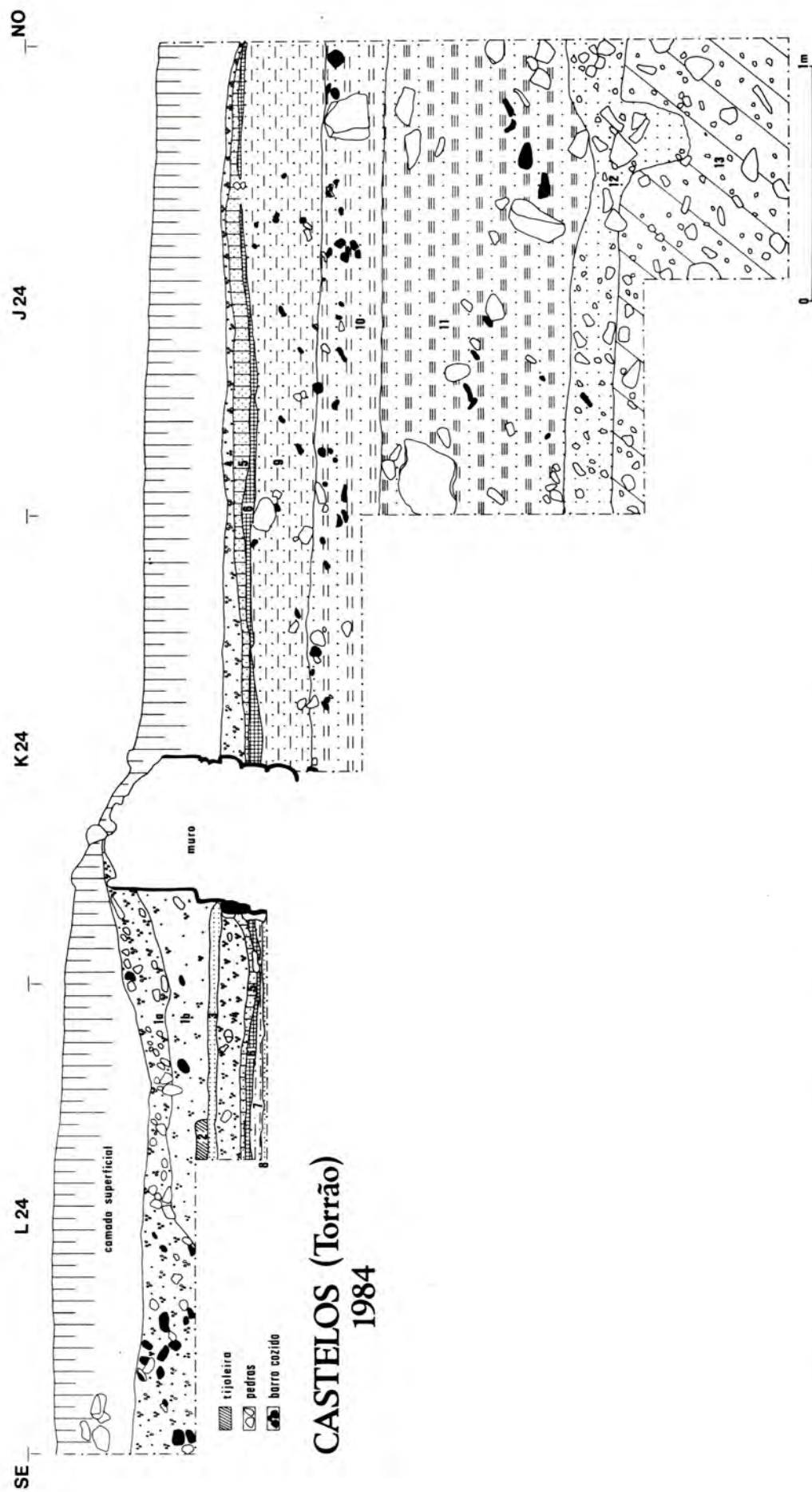
Os instrumentos de pedra polida/picotada estão representados por 4 percutores poliédrico-esferoidais, 1 pilão e 2 elementos moventes de mós manuais; distribuem-se por toda a sequência estratigráfica.

Os percutores mais elaborados são de quartzo leitoso e foram recolhidos nas Cs.10 e 9; medem 74x70x47mm e 62x61x55mm e pesam, respectivamente, 383g e 289g. Os dois restantes, muito mais irregulares, foram executados a partir de calhaus rolados de rochas eruptivas de que se conservam extensas superfícies não trabalhadas; vieram das Cs.12 e 11; medem 97x91x67mm e 104x88x81mm e pesam, respectivamente, 968g e 1109g. A análise comparativa destas peças permite constatar que os exemplares provenientes das camadas mais profundas são menos trabalhados, a sua forma é mais irregular, de menor esfericidade e o peso duas vezes superior ao dos exemplares das camadas superiores.

O "pilão" surgiu na C.12 e foi obtido a partir de um calhaus rolado oblongo em rocha eruptiva; mede 105x82x77mm; a superfície activa, ovalada, possui 66x57mm; pesa 1163g.

Os elementos moventes de mós manuais, de granito de textura ofítica, surgiram na C.10; medem 134x130x51mm e 133x104x39mm e pesam, respectivamente, 1580g e 854g.

5. A cerâmica dos Castelos é, no que se refere à pasta, muito homogênea em toda a sequência estratigráfica: predomina largamente um tipo de textura, também dominante no vizinho povoado calcolítico do Monte da Tumba (5),



CASTELOS (Torrão) 1984

Fig. 4 - Castelos do Torrão. Perfil estratigráfico do lado NE dos Qs. L24, K24 e J24. A ocupação calcolítica está representada nas Cs. 9 a 12.

caracterizado por pasta compacta, contendo numerosos elementos não plásticos esbranquiçados com cerca de 0,5-1mm, distribuídos regularmente.

A cor do núcleo é, em geral, avermelhada nas Cs.12, 11 e 10; torna-se mais escura na C.9. Na C.12, as superfícies são, muito frequentemente, castanho-acinzentadas (o que também é comum nos níveis da fase I do Monte da Tumba); nas Cs.11 e 10 são, quase sempre, avermelhadas (da cor do núcleo), tal como nas fases II e I do Monte da Tumba. Na C.9 são abundantes os exemplares com superfícies negras ou cinzento-esverdeadas, por vezes brunidas ou rugosas em recipientes esferoidais ou subcilíndricos munidos de mamilos.

De um ponto de vista morfológico, a variação ao longo da sequência estratigráfica é, essencialmente, de carácter quantitativo, facto também observado no Monte da Tumba (6). Assim, estão presentes em todas as camadas os **pratos de bordo sem espessamento** (7) (22,4% na C.12, 40,4% na C.11, 53,6% na C.10); **pratos de bordo espessado-almendrado** (23,6% na C.12, 19,8% na C.11, 13,1% na C.10); **taças de bordo espessado** (3,4% na C.12, 0,7% na C.11 e 1,2% na C.10); **taças em calote** (34,5% na C.12, 30,1% na C.11 e 16,7% na C.10); **esféricos** (8,0% na C.12, 7,3% na C.11 e 15,5% na C.10). Como formas exclusivas de algumas camadas há a referir a **taça carenada** que surge somente na base da sequência estratigráfica (1,7% na C.12); o **globular** (0,6% na C.12); carenas com a parede externamente côncava e superfícies brunidas (C.9) e prato com a parede ligeiramente côncava, carena arredondada e lábio em bisel (C.9). As duas últimas formas são integráveis na Idade do Bronze.

Em termos quantitativos há, pois, sobretudo a notar, como também se havia verificado no Monte da Tumba (8), que os **pratos de bordo sem espessamento** aumentam de frequência relativa de baixo para cima, enquanto os **pratos de bordo espessado**, pelo contrário, decrescem.

Nas Cs. 12 e 11 os **esféricos** são quase sempre, como no Monte da Tumba e contrariamente ao que se verifica no Calcolítico da Estremadura (9), de bordo sem espessamento (são frequentes

os lábios aplanados); na C.10, cerca de metade dos **esféricos** apresenta o bordo espessado e ligeiramente extrovertido, com tênue colo estrangulado.

A decoração está presente apenas na C.9: 1 fragmento de pasta castanho-amarelada, compacta, fina e micácea, decorado externamente por "dentes de lobo" incisos, integrável no grupo de decoração incisa do horizonte campaniforme português; mamilos situados junto do bordo de vasos esferoidais ou subcilíndricos, com superfície rugosa - decoração e tratamento da superfície comuns em jazidas da Idade do Bronze do Sul de Portugal (10).

A **cerâmica industrial** encontra-se representada por crescentes quer de secção subrectangular (comum na base da sequência estratigráfica, tal como se verifica no Monte da Tumba), quer de secção circular, e por placas paralelipédicas, com um furo em cada extremidade. Estas últimas, provenientes da C.12, são em número de três e distribuem-se por dois tipos: placa pouco espessa e estreita com um furo na zona central de cada extremidade (lex.); placa mais espessa e larga, de cantos arredondados, com um furo, descentrado, em cada extremidade (2 exs.).

6. O corte aberto na vila do Torrão, no sítio dos Castelos, permitiu identificar uma sequência estratigráfica onde estão patentes, no que se refere à ocupação da Pré-história recente do local, níveis do Calcolítico e da Idade do Bronze.

O estudo dos materiais cerâmicos provenientes dos níveis calcolíticos indica uma lenta evolução, sem rupturas que, comparada com a do vizinho e bem estratificado povoado do Monte da Tumba (11), parece ter-se iniciado em uma fase antiga do Calcolítico do Sudoeste (são patentes na C.12 dos Castelos, bem como nos níveis da fase I do Monte da Tumba, peças filiáveis no Neolítico final, como a **taça carenada** e a **placa paralelipédica** provida de um furo em cada extremidade) e culmina no Calcolítico final, com o aparecimento de cerâmica campaniforme incisa. A evolução da cerâmica proces-

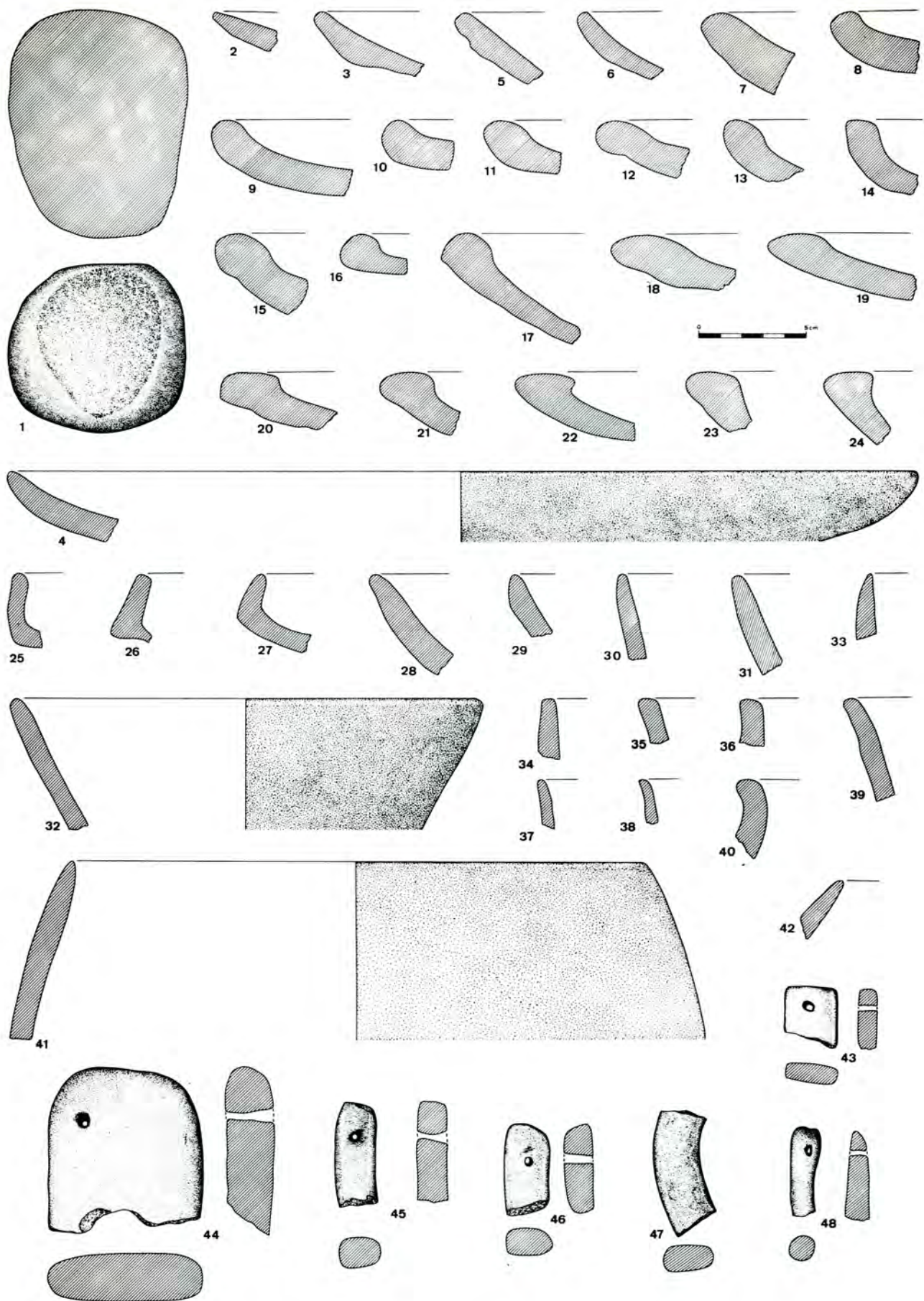


Fig. 5 - Castelos do Torrão. Espólio da C.12: 1 - "pilão" em rocha eruptiva; 2 a 48 - cerâmica

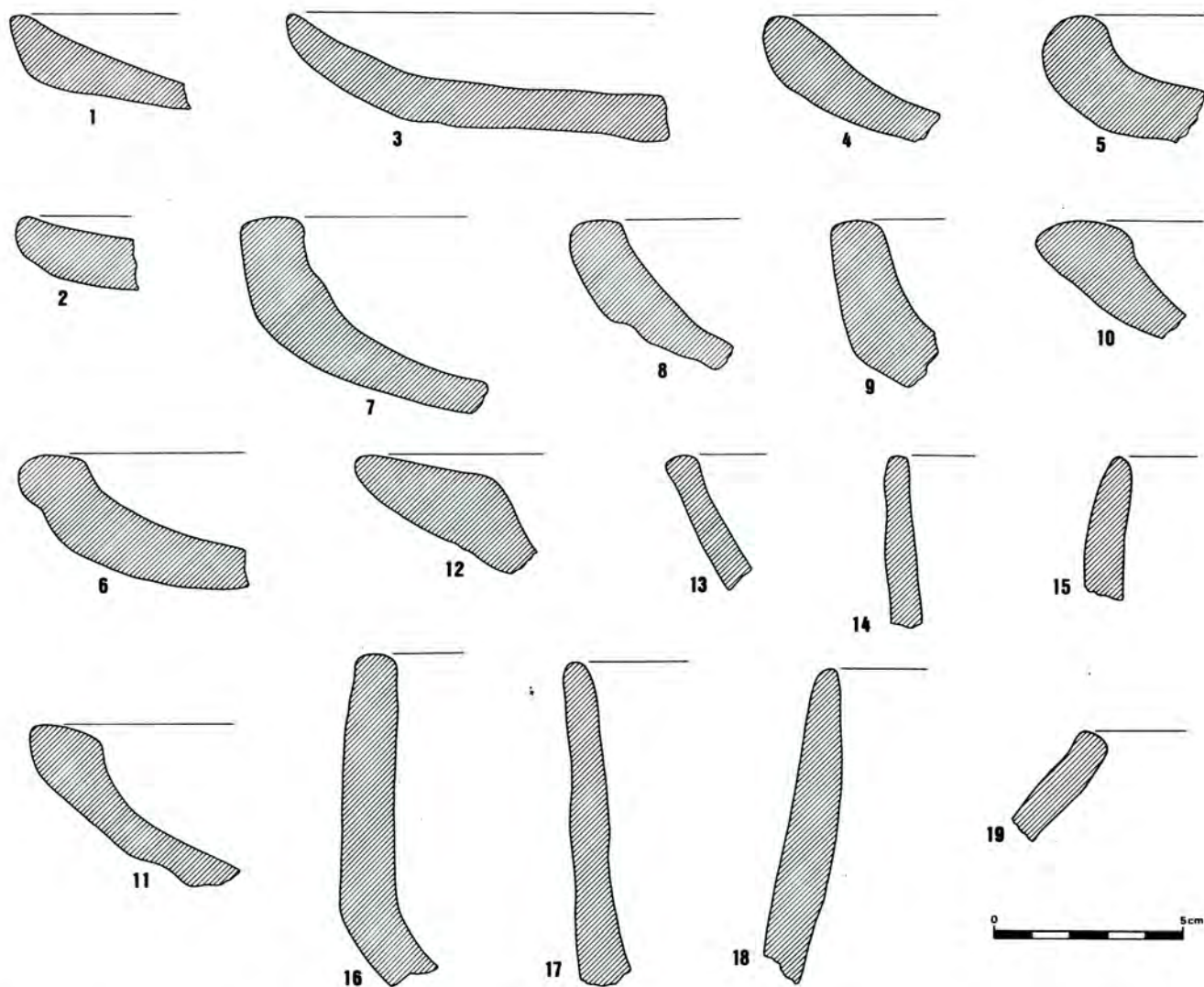


Fig. 6 - Castelos do Torrão. Cerâmica da C.11

sa-se com poucas alterações qualitativas, notando-se, principalmente, variações de carácter quantitativo; é de realçar o notório paralelismo existente entre os Castelos e o Monte da Tumba, designadamente no que concerne aos **pratos de bordo sem espessamento** e aos **pratos de bordo almendrado**: nos Castelos, tal como no Monte da Tumba, a primeira destas formas aumenta de frequência relativa de baixo para cima, ao longo da sequência estratigráfica, enquanto a segunda decresce. A semelhança entre as pastas e o tipo de cozedura da cerâmica dos dois arqueosítios é igualmente flagrante, notando-se, em ambos, o predomínio do tipo de cozedura oxidante; nos níveis inferiores quer do Monte da Tumba quer dos Castelos, são comuns os exemplares cozidos em ambiente

oxidante com fase de arrefecimento redutora (núcleo dos fragmentos vermelho e superfícies castanho-acinzentadas).

Também os crescentes achatados - que poderiam ter-se originado a partir dos "pesos de tear" paralelepípedicos com um furo em cada topo, tão abundantes em jazidas do Neolítico final alentejano, como acontece no Cabeço da Mina (12), nos arredores do Torrão - ocorrem nas duas jazidas preferencialmente na base das sequências estratigráficas.

Se, por um lado, o espólio das Cs. 12, 11 e 10 dos castelos apresenta evidentes afinidades com o dos níveis inferiores, médios e superiores, respectivamente, do Monte da Tumba, a C.9 dos Castelos - formada pela acumulação de materiais transportados da zona mais alta do povoado por agentes

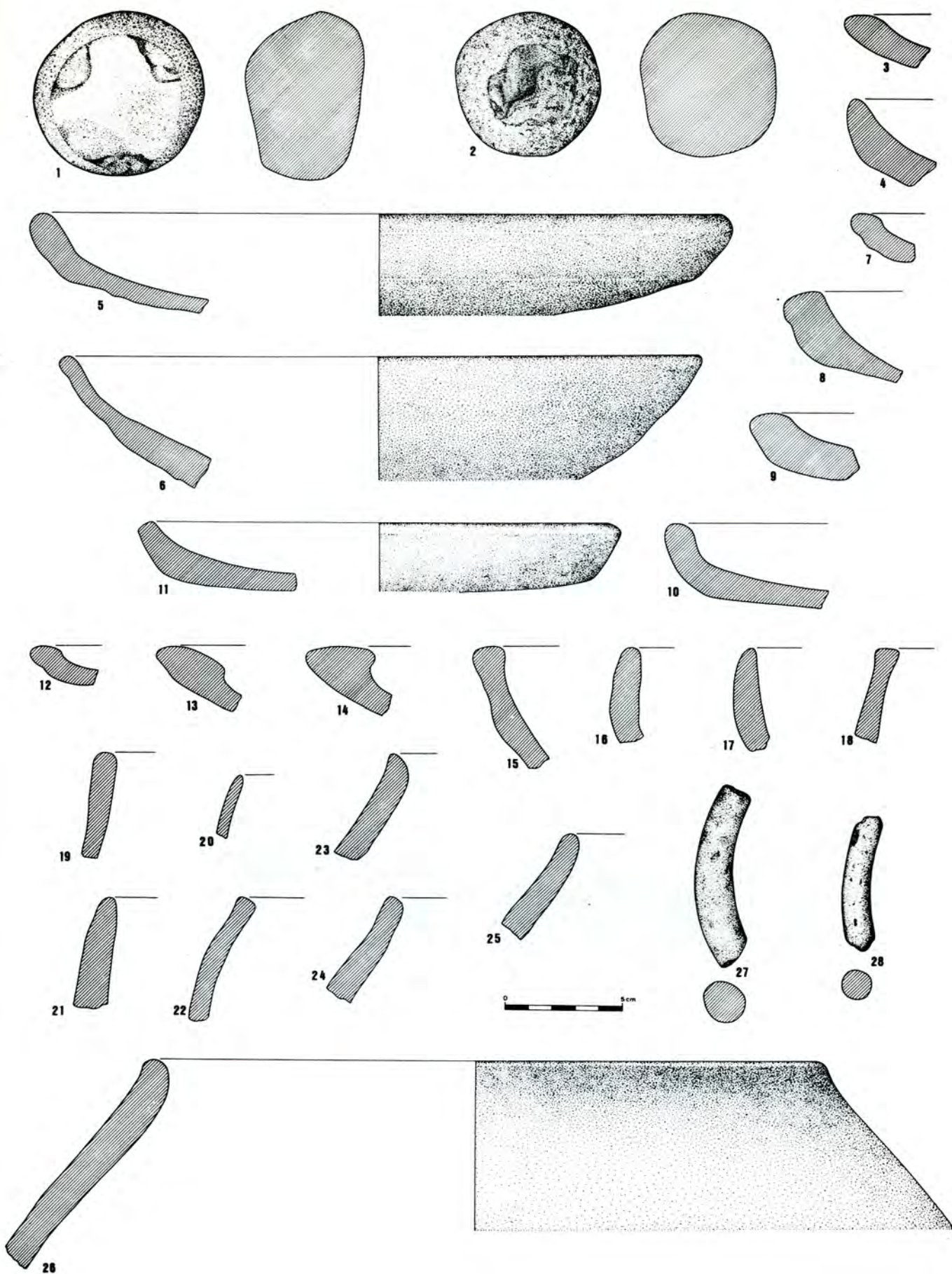


Fig. 7 - Castelos do Torrão. Espólio lítico (n^{os} 1 e 2) e cerâmica da C.10

da dinâmica externa - contém elementos que permitem dilatar consideravelmente a longevidade da ocupação humana do local em relação à daquela jazida. Referimo-nos à cerâmica campaniforme incisa, à cerâmica carenada da Idade do Bronze e ao talão de machado de cobre ou bronze.

A escassez da cerâmica campaniforme nos Castelos do Torrão corresponde, por certo, ao seu carácter exógeno e a uma atitude cultural de selectividade das comunidades calcolíticas do Baixo Alentejo condicionada por uma forte tradição de cerâmicas lisas. Embora o número de povoados do Baixo Alentejo com cerâmica campaniforme (em que predomina a incisa) venha aumentando paulatinamente (Barrada do Grilo, Castelos do Torrão, Escoural, Ferreira do Alentejo, Outeiro de São Bernardo, Castelo de S. Brás, Aljustrel e Vale Vistoso), a frequência em que essa cerâmica surge é quase sempre reduzida.

Uma outra diferença que ressalta da comparação entre os Castelos do Torrão e o Monte da Tumba é a ausência de cerâmica de revestimento nesta última jazida onde se verificou intensa utilização de adobes. A C.10 dos Castelos forneceu inúmeros fragmentos de cerâmica de revestimento com negativos de ramagens. Porém, a reduzida área escavada não permite por enquanto adiantar mais elementos sobre as técnicas construtivas.

Importa assinalar a escolha, pelos habitantes dos Castelos do Torrão, de um local elevado, com boas condições naturais de defesa, facto também verificado no Monte da Tumba, bem como na maior parte dos povoados do Calcolítico pleno quer do grupo da Estremadura quer do grupo do Sudoeste. No modelo por nós proposto para a estratégia de povoamento do Calcolítico do Sul de Portugal (13) considerámos três situações distintas, cada uma delas correspondente a determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas. Verificámos, assim, que nos finais do Neolítico e alvares do Calcolítico, nos povoados onde a taça carenada é abundante e o prato de bordo almendrado está ausente ou é ainda escasso, o local ocupado é ou plano, aberto e extenso (Pedra Longa, no concelho de Montemor, Ferreira do Alentejo, Vale Pincel II, em Sines, Caramujeira, em

Lagoa, Papa Uvas, em Huelva), apresentando morfologia análoga à dos povoados do Neolítico antigo, ou oferece uma morfologia de tipo colina extensa e de encostas suaves, desprovida de construções defensivas (Cabeço do Cubo, em Campo Maior, Cabeço da Mina, no Torrão). A grande dispersão dos achados na área ocupada sugere fraca densidade populacional.

Com o grande desenvolvimento das forças produtivas assinalável sobretudo a partir dos inícios do Calcolítico e baseado no incremento da produção agrícola (com a utilização do carro e do arado (14)), e na introdução da metalurgia, a acumulação de excedentes e a divisão social do trabalho são alguns dos principais factores que estarão na base do aparecimento de nova estratégia de povoamento: quase sem excepções, os povoados são agora de cumeada e, em muitos casos, poderosamente fortificados, acusando elevado grau de sedentarização (15) e aumento da densidade populacional. Nota-se acentuada especialização: uns serão eminentemente agrícolas (Monte da Tumba); outros estarão ligados especialmente à exploração mineira (Cortadouro); outros, ainda, centros de acumulação e distribuição de produtos, com dimensões e necrópoles que podem sugerir situações de carácter proto-urbano (Alcalar). As populações que habitam estes novos povoados são, contudo, herdeiras das que viveram nos do primeiro estágio. Com efeito, estão presentes, nos níveis inferiores quer dos Castelos do Torrão quer do Monte da Tumba, elementos filiáveis na cultura material do vizinho povoado do Neolítico final do Cabeço da Mina.

Nos finais do Calcolítico (horizonte da cerâmica campaniforme), enquanto alguns dos povoados (de cumeada) ocupados no Calcolítico pleno continuam a ser habitados (Castelos do Torrão), assiste-se ao aparecimento de novos povoados. Muitos deles podem corresponder a estadias pouco prolongadas e implantam-se em locais planos (Ferreira do Alentejo, Vale Vistoso) ou pouco elevados, sem condições naturais de defesa (Barrada do Grilo). Encontramo-nos perante uma maior diversidade na escolha dos locais a habitar que anuncia a estratégia de povoamento da Idade do Bronze e que faz lembrar a

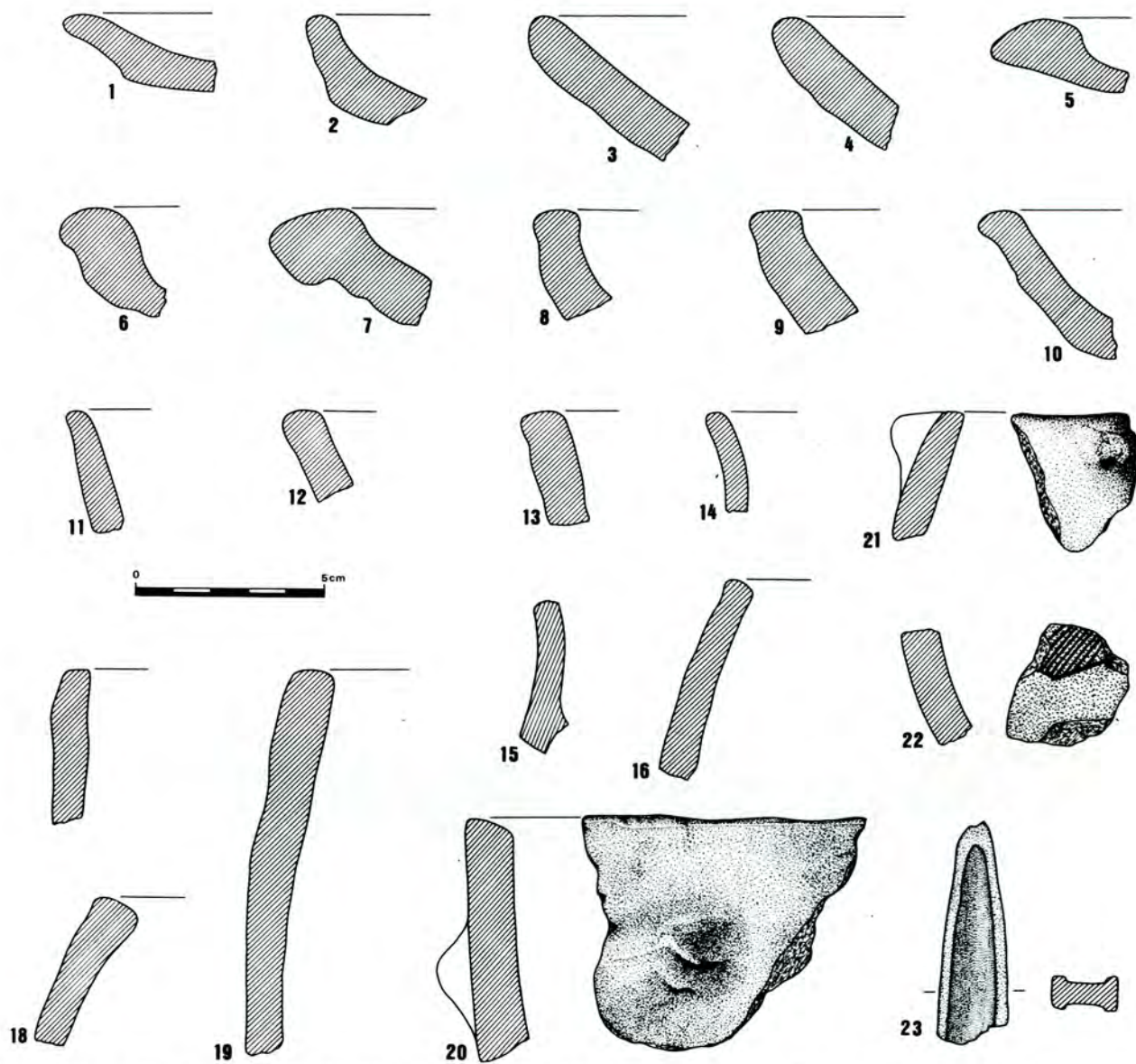


Fig. 8 - Castelos do Torrão. Espólio cerâmico e metálico (nº 23) da C.9. O nº 22 oferece decoração incisa (campaniforme).

dos finais do Neolítico mas com um significado sociológico totalmente distinto: a coexistência de povoados de cumeada (Castelos do Torrão) com **habitats** de planície parece correspon-

der agora a uma organização social onde a coordenação administrativa e defensiva de vastos territórios está centralizada numa formação de características proto-estatais.

NOTAS:

1. Coordenadas hectométricas GAUSS da zona central da jazida: X=191 5; Y=147 6 (Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25000, Folha 487, 1945).
2. São conhecidas nos arredores do Torrão, além dos Castelos, as seguintes jazidas do Neolítico final e Calcolítico: Cabeço da Mina, a cerca de 8Km para Este; Anta de S. Frausto, a cerca de 1400m para NNO; Monte da Tumba, a cerca de 1300m para Sul e Barrada do Grilo, a cerca de 12Km para Oeste.
3. Os trabalhos iniciaram-se em 9 de Dezembro de 1984 e prolongaram-se até 11 de Janeiro do ano seguinte. Foram dirigidos pelos signatários, coadjuvados por Antónia Coelho Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal) e assegurados por três operários, dois deles da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, entidade a quem se ficou a dever, além disso, importante apoio logístico. Na fase final da escavação participaram também Júlio Costa e Leonor Ferreira (Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal). O desenho dos materiais é da autoria de um dos signatários (J.S.) e de Jorge Costa (Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal).
4. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., Contribuição para o estudo dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, II-III, Setúbal, 1976-77.
5. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., Monte da Tumba (Torrão): Eine Befestigte Siedlung der Kupferzeit im Baixo Alentejo (Portugal). *Madriider Mitteilungen*, 26, 1985.
6. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 5).
7. Para a caracterização destas formas cf. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 4).
8. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 5).
9. CARDOSO, J., SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., Povoado calcolítico de Leceia: campanhas de escavação de 1983-84. *Clio Arqueologia*, 1, Lisboa.
10. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., Uma jazida do Bronze final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal, 1978. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., O monumento I da necrópole do "Bronze do Sudoeste" do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*, V, Setúbal, 1979. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.
11. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 5).
12. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 4).
13. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., A estratégia do povoamento dos Chãos de Sines durante a Pré-história. Volume d'hommage au géologue G. Zbyszewski, Paris, 1984.
14. Cf. VARELA GOMES, R., VARELA GOMES, M. e FARINHA DOS SANTOS, M., O santuário exterior do Escoural, Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, XXXVI, Salamanca, 1983.
15. O estudo em curso, pelo Prof. Miguel Telles Antunes, da fauna do Monte da Tumba mostra que o porco é a espécie animal dominante o que parece apontar para uma forte sedentarização. Também no Zambujal, o porco foi uma das espécies mais consumidas (cf. DRIESCH, A. von den e BOESSNECK, J., *Die Fauna von Zambujal*, in SANGMEISTER, E. e SCHUBART, H., *Zambujal*, Mainz Am Rhein, 1981).

